

A narrativa autobiográfica como ritual na formação docente

The autobiographic narrative as a ritual in teaching training

La narrativa autobiográfica como ritual en la formación docente

Graciela Renato Ferreira¹

Luciana Borre²

1 Graduanda em Artes Visuais – Licenciatura – pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Participou do grupo de extensão “A escuta através da arte: uma experiência no Hospital Ulysses Pernambucano” (2019/2020). Integrante do Grupo de Pesquisa em Ensino de Artes Visuais (GPEAV), vinculado ao PPGAV UFPB/UFPE. Bolsista no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC/UFPE/CNPq) lattes: <http://lattes.cnpq.br/1930166425660942>

2 Professora e coordenadora dos Cursos de Artes Visuais - Licenciatura e Bacharelado - da Universidade Federal de Pernambuco. Professora no Programa Associado de Pós-Graduação em Artes Visuais UFPE/UFPB. Integrante do Grupo de Pesquisa em Ensino de Artes Visuais (GPEAV), vinculado ao PPGAV UFPB/UFPE. É doutora em Arte e Cultura Visual pela Universidade Federal de Goiás (2014). Mestre em Educação pela PUCRS (2008); especialista em Gestão e Planejamento Escolar pela PUCRS (2006) e graduada em Pedagogia pela UFRGS (2004). Atuou como professora de Séries Iniciais e Artes Visuais <http://lattes.cnpq.br/9232357001079673> orcid: <http://orcid.org/0000-0002-1929-3734> email: lucianaborre@yahoo.com.br

RESUMO

Liame é uma instalação têxtil coletiva, desenvolvida em 2022, com o objetivo de vivenciar narrativas autobiográficas e refletir sobre memórias e docência por meio do saber sensível e do fazer têxtil. Seu fazer relacional reverberou algumas questões: como a narrativa de nossas memórias pode potencializar ações prático-reflexivas por meio do fazer têxtil? Quais memórias carregamos em nossos corpos e como elas podem ser ressignificadas? Como o fazer têxtil - artesanal - potencializa o compartilhamento de memórias sobre a docência? Liame é o resultado de um projeto de Iniciação Científica (PIBIC/UFPE), desenvolvido no Departamento de Artes, da Universidade Federal de Pernambuco. Permeia os campos da Educação da Cultura Visual, A/r/tografia, Arte Têxtil e Estudos da Memória.

PALAVRAS-CHAVE

Formação Docente; Saber Sensível; A/r/tografia; Arte Têxtil; Corpo e Memória.

ABSTRACT

Liame is a collective textile installation, developed in 2022, with the aim of experiencing autobiographical narratives and reflecting on memories and teaching through sensitive knowledge and textile making. His relational work reverberated some questions: how can the narrative of our memories potentiate practical-reflective actions through textile making? What memories do we carry in our bodies and how can they be re-signified? How does making textiles - handmade - enhance the sharing of memories about teaching? Liame is the result of a Scientific Initiation project (PIBIC/UFPE), developed at the Department of Arts, Federal University of Pernambuco. It permeates the fields of Visual Culture Education, A/r/tography, Textile Art and Memory Studies.

KEY-WORDS

Teacher Training; Sensitive Knowledge; A/r/tography; Textile Art; Body and Memory.

RESUMEN

Liame es una instalación textil colectiva, desarrollada en 2022, con el objetivo de experimentar narrativas autobiográficas y reflexionar sobre las memorias y la enseñanza a través del conocimiento sensible y la confección textil. Su trabajo relacional repercutió en algunos interrogantes: ¿cómo la narración de nuestras memorias puede potencializar acciones práctico-reflexivas a través de la confección textil? ¿Qué recuerdos llevamos en el cuerpo y cómo pueden resignificarse? ¿Cómo la fabricación de textiles, hechos a mano, mejora el intercambio de recuerdos sobre la enseñanza? Liame es el resultado de un proyecto de Iniciación Científica (PIBIC/UFPE), desarrollado en el Departamento de Artes de la Universidad Federal de Pernambuco. Permea los campos de Educación en Cultura Visual, A/r/tografía, Arte Textil y Estudios de la Memoria.

PALABRAS-CLAVE

Formación de Profesores; Conocimiento Sensible; A/r/tografía; Arte Textil; Cuerpo y Memoria.

Experiências sensíveis: a casa, a concha e o habitar

Em 2021, influenciada pelas memórias da pandemia, produzi poeticamente alguns trabalhos manuais por meio de atravessamentos entre as materialidades do barro e do têxtil. Meu processo criativo se deu de forma experimental ao modelar em argila alguns “teares” em formato de casa, onde pude criar tecelagens em seu interior. A partir do saber sensível experienciei novos sentidos, e passei a investir em meu processo de criação com mais afinco, partindo de narrativas e memórias autobiográficas do habitar, pois me compreendia imersa e entrelaçada em uma necessidade de busca subjetiva e, naquele momento, solitária.

Daí por diante a poética da casa e o estudo da memória e do fazer têxtil foram se desdobrando em outras percepções e aprendizagens. No meio de todo esse devaneio da casa, da prática poética, fui me permitindo criar, refazer e descobrir outros caminhos. Entendi, por exemplo, que dedicar momentos de autocuidado e introspecção era uma riqueza em minha formação como artista, professora de Artes Visuais e pesquisadora.



Fig. 1 Casa tear, tecelagem em cerâmica, 2,5 x 31 cm, Graciela Ferreira, 2021.

Com a flexibilização das ações de enfrentamento a pandemia COVID 19 foi possível participar de proposições performáticas em grupo. Sendo assim, a composição solitária dos teares em cerâmica abriu espaço para o acolhimento de memórias presentes no corpo a partir da relação com outras pessoas e com objetos relacionais. Nestas vivências e já atenta a escuta de minhas próprias sensações corporais, tive a sensação de ouvir o mar, de sentir e imaginar as conchas da praia. Foi então que, lembrei-me de uma curta viagem à praia que fiz durante a adolescência. A memória era um recorte, o momento no qual me fascinei ao ver — talvez pela primeira vez — as conchas da praia se moverem. Aquela imagem em particular vibrou em meu corpo. Tecidos e roupas eram os objetos relacionais dispostos para que interagíssemos com eles. Sem pensar muito, me abriguei debaixo de um manto de cor azul, e performei alguns movimentos corporais. Ainda não tinha me dado conta, mas aquela memória das conchas estava viva em mim e me pedia novos movimentos.



Fig. 2 Vivência performática têxtil, Graciela Ferreira, 2022. Fotografia: Walton Ribeiro

A partir dessa vivência performática me dei conta de que a imagem da casa ainda reverberava em mim, porém de forma ressignificada e mais orgânica. Agora a casa continha vida, sendo que a imagem da concha-casa é a mais sentida, pois pertence ao museu indestrutível e imenso das velharias da imaginação humana (BACHELARD, 1993). A leitura do livro *Poética do Espaço*, do filósofo e poeta Gaston Bachelard (1993), passou a integrar meus movimentos e imaginários, principalmente porque torna fácil o entendimento daquilo que, por vezes, fica difícil descrever. Era meu corpo — um lugar de sensibilidade e de movimento contínuo, em um estado constante de tornar-se.

É preciso então encontrar uma imagem particular para dar vida à imagem geral [...] Robinet pensou que foi rolando sobre si mesmo que o caracol fabricou sua “escada”. Assim, toda a casa do caracol seria um vão de escada. Em cada contração, o animal mole faz um degrau de sua escada em caracol. Ele faz contrações para avançar e crescer. (BACHELARD, 1993, p. 276)

Ao pesquisar um pouco sobre conchas, descobri que os moluscos possuem uma protoconcha, que se forma ao seu redor provisoriamente. Quando atingem uma idade jovem, uma concha definitiva substitui a primeira. E então é formado o manto, que é um tecido parecido com a pele, o qual envolve as partes vitais do molusco. Associando essa imagem do manto, percebo que meu contato mais externo: corpo/pele — é justamente esse maior tecido que me protege e que me mantém em contato direto com o mundo. É também, por onde nos passam todas as experiências sensíveis, concentrando camadas de memórias. Um conjunto integrado, formado de diversidade e características inerentes de nosso habitat formador. Foi diante destas constatações, e de um desejo de abertura ao mundo, que passei a desejar estar com o outro, de relacionar os saberes e afetos com tudo aquilo que ainda poderia aprender na/em relação com subjetividades distintas. Passei então a ritualizar meus processos de autoconhecimento por meio da intencionalidade educacional.

A proposta desta pesquisa partiu do interesse investigativo sobre meu processo de criação, a partir de práticas e experimentações artístico-pedagógicas. Também refleti sobre o ritual como processo criativo, me permitindo experimentar atravessamentos entre a materialidade têxtil e buscando entender de que modo o saber e fazer manual potencializam a escrita de si, e como as narrativas autobiográficas contribuem para um processo de formação docente crítico-reflexivo. Liame participou da quarta edição da exposição coletiva *Tramações*, em outubro de 2022, no Memorial da Medicina e Cultura de Pernambuco/Recife/PE.

O têxtil, o ritual e o saber sensível

Essas experiências sensíveis que tive em meio a produções poéticas onde investia em memórias e narrativas por meio do fazer têxtil, me despertaram o interesse por entender mais sobre o saber do corpo e as relações com o outro.

Foi lendo *O sentido dos sentidos: a educação (do) sensível* (2000), do professor e pesquisador João Francisco Duarte que aprofundei melhor minha pesquisa sobre o saber do corpo/das mãos. O autor questiona sobre a divisão dicotômica entre corpo e mente, diz que somos um emaranhado de processos, e que cada porção de nosso organismo manifesta conhecimento. Argumenta também que a experiência estética acontece primeiramente no corpo, e que a estética – do grego, *aisthesis* – significa a capacidade sensível do ser humano perceber e organizar os estímulos que alcançam o corpo. *A estesia*, portanto diz de nós. De nossa sensibilidade ao mundo (DUARTE, 2000).

Percebo que o fazer artesanal/manual é um movimento que nos permite comunicar de modo sensível, memórias e narrativas contidas em nós. E que o têxtil é um suporte que tem uma estrutura que abriga não só possibilidades artísticas/estéticas diversas, mas também, acolhe nossos rituais e memórias, pois é um material acessível e muito próximo de nossas experiências e afetividades cotidianas.

Também entendo o fazer manual têxtil como uma forma de ritualidade, pois sua materialidade favorece ações simbólicas e processos de reflexão-em-ação. É uma prática que traz permanência, facilitando a narratividade por meio da linguagem poética têxtil e textual mediante o resgate de nossas memórias, daquilo que nos toca, que nos acontece. E assim, concordo com Bondía (2002) quando afirma que a experiência é o que nos passa, e acrescenta:

Nunca se passaram tantas coisas, mas a experiência é cada vez mais rara. Em primeiro lugar pelo excesso de informação. A informação não é experiência. E mais, a informação não deixa lugar para a experiência, ela é quase o contrário da experiência, quase uma antiexperiência. [...] a informação não faz outra coisa que cancelar nossas possibilidades de experiência. (BONDÍA, 2002, p. 21-22)

Ao ler o ensaio *O desaparecimento dos rituais: uma topologia do presente* (2021) do filósofo sul-coreano Byung-Chul Han, percebi reflexões marcantes sobre alguns temas, tais como: o impacto da tecnologia digital na contemporaneidade, a coação por produtividade e o excesso de dados e informação. Han, observa que em razão desse excesso, não se é possível concluir e nem transitar entre uma e outra experiência de modo contemplativo ou duradouro, pois tudo é muito vivenciado de forma serial e compartimentada. E assim, pela velocidade e ausência de conclusão, diminui-se a percepção dessa experiência, tornando-a incompleta e rasa. Rituais, do contrário, são processos que não podem ser acelerados (Han, 2021).

Entender o fazer manual de modo ritualístico é atentar não só para a capacidade de manter atenção, em um processo de fazer com calma, mas uma maneira de aproximar nosso olhar e escuta, direcionando-os para nossos territórios, percebendo como estamos inseridos cultural e socialmente, aumentando nossa capacidade de ressonância com o outro, sem ela, "a gente ecoa a si mesmo e se isola para si". (HAN, 2021, p. 23-24).

Assim, percebo que quando nossas narrativas se tornam rituais por meio de um fazer manual desacelerado, consciente e espreito à escuta, e rica de um saber e uma memória corporizada, encontramos possibilidades de reconhecimento. Reconhecer reside no fato de que agora se conhece mais do que antes. "Mais", aqui, se entende não como soma, como acúmulo de informações, que não possuem força simbólica, mas um conhecer mais aprofundado, como a alguém que conhece sua própria casa, pois o ato de permanecer lhe concede tempo de habitar (HAN, 2021).

É necessário ouvir atentamente o que o nosso processo diz de nós, considerando também nossa atenção a cada escolha que fazemos e aos processos do fazer. Seja nos gestos, na repetição dos pontos, na escolha das materialidades e desta ou daquela

memória/imagem, estamos de algum modo estabilizando nosso olhar para as visualidades que criamos e as que fazem parte de nosso cotidiano. Tomando consciência de nossa identidade a partir de vivências que priorizem espaços de encontros, de comunicação e criação, que considerem os atravessamentos de imaginários existentes entre sujeito e coletivo. E entendendo como nossas narrativas podem ressoar em outros e em nós mesmos, interferindo na construção de outras visualidades. Como os rituais, as narrativas podem configurar-se como ações simbólicas que estabilizam a vida. Logo, concordo com Han (2021), quando afirma que:

Rituais podem ser definidos como técnicas simbólicas de encasamento. Transformam o estar-no-mundo em estar-em-casa. Fazem do mundo um local confiável. São no tempo o que uma habitação é no espaço. Fazem o tempo se tornar habitável. Sim, fazem-no viável como uma casa. (HAN, 2021, p. 10-11).

Entendo que o fazer manual, ao burlar a produtividade, nos desacelera. São ações simbólicas, que se contrapõem às formas de trabalho alienado e serial, onde a experiência não permanece. Rituais são uma forma de permanecer, é um refúgio que estabiliza a vida e que proporciona autorreflexão, revisão diária, mudança de planos e construção de novas trajetórias.

Essas autodescobertas, por meio do fazer manual têxtil, foram movimentadores de processos criativos em minha formação docente. O ato de narrar ao tecer tem um outro tempo: reflexivo, de escuta, de abertura para mim e para outro. Onde em um modo presente, resgato memórias para tecer transformações. Narrar ao tecer é também escrever palavras, é materializar histórias, guardadas em gavetas. Através do gesto posso permanecer, e construir um espaço de ser. Segundo Han (2021, p. 58) “O ser é o verbo para o lugar.”



Fig. 3 Processo de criação em Liame, Graciela Ferreira, 2022. Fotografia: Lizandra Santos



Fig. 4 Processo de criação em Liame, 2022. Fotografia: Graciela Ferreira

Processos de criação em Liame

Liame é uma instalação têxtil coletiva, desenvolvida em 2022. É uma estrutura de algodão com 2,50m x 3,50m que sofreu interferências de amigas/os e colegas dos cursos de Graduação em Artes Visuais, da Universidade Federal de Pernambuco, nos meses de agosto e setembro. Disponibilizei ao lado do tecido alguns materiais têxteis, como tecido, tesouras e retalhos. Pedi também que ao final da interação/vivência, deixassem memórias escritas em pequenos retalhos de algodão a partir do que lhes sensibilizaram. Cada pessoa convidada era interpelada a trazer de forma livre, um material/objeto, uma performance ou apenas o compartilhamento de uma narrativa autobiográfica, pois essa era a finalidade: e enquanto costuravam aqueles objetos no painel/tecido, conversávamos sobre a relação das memórias que se desdobravam ali naquela vivência, e por meio dos afetos. Foram momentos relevantes e de muita aprendizagem na minha formação como docente. Pude exercitar a prática do ouvir e estive atenta e aberta para as imprevisibilidades do processo, entendendo o quanto de afetividade tinham esses encontros e de como a dimensão do trabalho exigia a necessidade do outro.

Este processo coletivo estava ancorado na perspectiva a/r/tográfica, pois o investimento em meus processos poéticos costurando o saber e o fazer, possibilitaram a criação de novas linguagens poéticas, visualidades e experiências estéticas. Esta abordagem propõe relacionar “[...] processos de criação poética, práticas de ensino-aprendizagem e de pesquisa” (BORRE, 2020, p. 34). Este modo de pensar a pesquisa em artes muito me contempla, ao passo que une fazer artístico, práticas educacionais

e pesquisa. Para a educadora e pesquisadora Rita Irwin (2013, p. 24) “Na a/r/tografia saber, fazer e realizar se fundem. Eles se fundem e se dispersam criando uma linguagem mestiça híbrida. Linguagem das fronteiras da auto-etnografia e de gêneros.”

Das fronteiras que se abriram no decorrer de minha formação docente, um dos encontros mais relevantes se deu entre a prática da narrativa autobiográfica e o fazer manual. E a partir de vivências a/r/tográficas, fui percebendo como esses processos estavam ligados a um modo de fazer e pensar poético ritualístico de narratividade, por meio principalmente, da prática da tecelagem e da modelagem em argila.

Além disso, por meio do fazer manual e da narrativa autobiográfica, a a/r/tografia também busca considerar no mesmo patamar de importância processos textuais e imagéticos. Estas ações permitem a revisão de discursos e de imaginários, e o ato de trazê-las em nossa vivência artística-pedagógica, por meio de um investimento poético que valoriza nossas experiências, propiciam um maior autoconhecimento e autotransformação.



Fig. 5 Processo de criação em Liame, 2022. Fotografia: Graciela Ferreira



Fig. 6 Processo de criação em Liame, 2022. Fotografia: Letícia Andrade

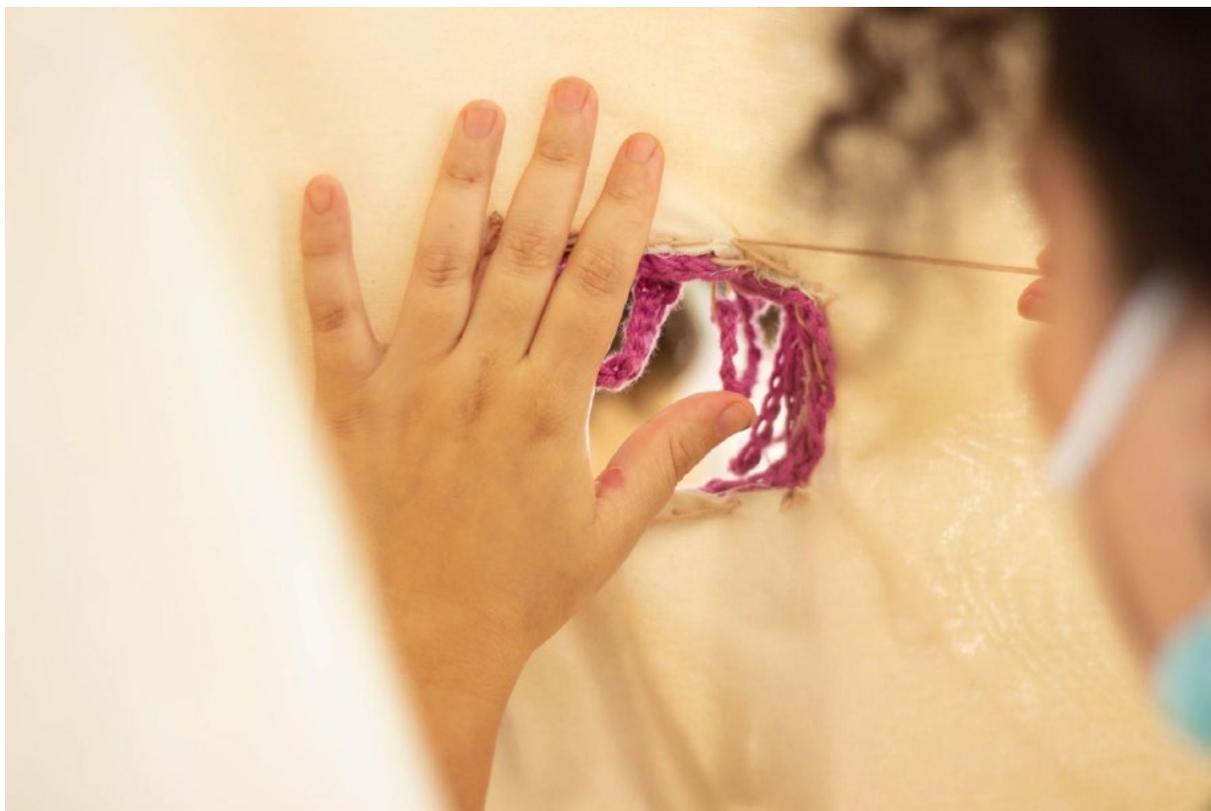


Fig. 7 Processo de criação em Liame, 2022. Fotografia: Letícia Andrade

Existe uma espécie de moluscos marinhos chamados vieiras – Eles possuem uma característica peculiar: são nadadores ativos — na verdade, são os únicos bivalves migratórios. No devaneio da concha-casa que se move, penso que seja uma imagem apropriada para pensarmos nesse movimento que vem de nossas memórias.

Compartilhar narrativas, é ir além de si e deslocar-se de algumas certezas. É entrar em estado de movência com outros. Portanto, criar oportunidades de encontros, é crucial para que nossas narrativas possam ressoar em outros e em nós mesmos, interferindo na construção de outras visualidades.

O projeto Liame é na verdade um espaço de encontros, de narrativas e memórias afetivas, que existiram por meio do compartilhamento e pelo deslocamento das pessoas que trouxeram suas memórias — são elas que nos comovem a partir do saber sensível. Comover vem do Latim *commovere*, “mobilizar, mover conjuntamente”, formado de *com-*, “junto”, mais *movere*, “mexer, deslocar, mover”. Não é a concha o arquétipo da casa que se move?

Quando penso na minha formação como docente artista sinto que é necessário investir no compartilhamento de memórias, tornando as práticas e vivências artísticas como espaço propício para o relato de experiências. É como abrir diante de si uma página onde se possa narrar vivências e modos de ser. Borre (2020) apresenta a importância do compartilhamento de nossas narrativas:

Ao contar, inventar e reinventar experiências, geramos processos de mudanças microfísicas, ao nível do pessoal/subjetivo, na relação com os lugares que ocupamos nas redes de poder. Um processo emancipatório é desencadeado a partir da tramação de nossas histórias – e o que escolhemos contar – com o acontecimento em si e a interpretação do outro. Uma tríade que provoca, constrói sentidos (BORRE, 2020, p. 43).

Por meio das ações compartilhadas em Liame, considero que a valorização de autobiografias das pequenas narrativas, do corpo que vibra, e o protagonismo nos processos de criação, incentivam e legitimam a produção de novas narrativas, e novos sentidos de ver e viver, instigam processos autorreflexivos e contribuem para melhores relações interpessoais, de maneira que são ações com potencial de propor mudanças no ambiente.

Borre (2020), também discorre sobre a problemática da enxurrada de palavras e imagens com as quais interagimos todos os dias e criamos relações existenciais. A autora destaca que o campo da Cultura Visual nos alerta para um “afogamento imagético” que impossibilita abarcar criticamente inúmeras possibilidades crítico-interpretativas. Ao me debruçar sobre tais apontamentos, e relacionar com alguns pensamentos de Han (2021), concordo que a adição e o acúmulo infinito de visualidades tendem a igualar/homogeneizar modos de pensar, pois o global nivela todas as diferenças, vai uniformizando na medida que des-localiza³ a cultura em hipercultura. Quando as imagens e artefatos culturais tendem ao acúmulo, acabam produzindo narrativas

³ Termo utilizado por Byung-Chul Han ao discorrer sobre a globalização na contemporaneidade (HAN, 2021, p. 57)

comuns, evitando o aparecimento de sulcos visíveis. Por isso, “a ação de puxar o fio, tencionar verdades e criar visualidades, tende a desfiar a linha de nossas certezas e inundar as relações interpessoais com novas possibilidades de ver o outro.” (BORRE, 2020, p. 114-115).

Nossas narrativas assumem um papel fundamental, não só para respeitar os limiares e o reconhecimento do outro, mas justamente para legitimar histórias e as particularidades de um modo de ver.

Penso que os processos educativos podem ser mais humanizados ao priorizarem e aprofundarem as vivências ao invés de acelerá-las. Facilitando ações educativas significativas por meio de processos de criação artístico-pedagógicos que priorizassem a aprendizagem processual, que permitissem a capacidade de conclusão, ou seja, de internalizar e perceber o que estava sendo vivenciado, antes de começar um novo trabalho. Assim como o filósofo Han (2021) percebo que “A narração é uma forma de conclusão, tem começo e fim. Uma ordem fechada a caracteriza. Informações, ao contrário, são aditivas, não narrativas. Não se juntam, terminando em um conto, em uma canção que doa sentido e identidade.” (HAN, 2021, p.53).

Acredito também que a criação de um espaço de escuta e de diálogo, junto ao compartilhamento de narrativas e a relação com o outro, permite um maior autoconhecimento, e uma profunda atenção para a identificação e fortalecimento de subjetividades e produção de novas visualidades.

Por fim, memórias compartilhadas permanecem vivas

Fios de desconforto.
Memórias compartilhadas permanecem vivas.
Para lembrar daquela menininha.
Por que costuramos? — Deixo um presente, me permitindo brincar e imaginar.
O adeus não dito e aqui a oportunidade de externar isso. O acolhimento, o luto e
milhões de sentimentos.
Atenção é o início da devoção (não se esqueça do processo).
A rede da minha gata, que nunca botei...meus cabelos pra cima bem pretos. Como
os pelos da minha gata.
Ainda bem que voltei, bom saber que posso voltar.
Entre nós
(Memórias registradas durante o processo de criação de Liame)

É importante perceber o quanto pode ser significativa a formação de professores que investe na pesquisa narrativa como proposta de formação pedagógica. Pois o ato de materializar inquietações, promove autorreflexão, revelando assim subjetividades

e oportuniza a criação de novos significados. Desta forma, podemos perceber que tomar consciência de algumas questões do íntimo, cria espaços e aponta caminhos de compreensão para ver o outro a partir de si.

Sendo assim, uma reverberação importante deste projeto será a continuidade de uma escrita reflexiva acerca das memórias e relatos apresentados pelas/os amigas e colegas participantes do mural têxtil.

Referências

BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. Rev. **Bras. Educ.**, Rio de Janeiro, n. 19, p. 20-28, abr. 2002. Disponível em <http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782002000100003&lng=es&nrm=iso>. Acesso em: 10/05/ 2022.

BORRE, Luciana. **Bordando afetos na formação docente**. Conceição da Feira: Andarilha, 2020.

DUARTE, J. J. F. **O sentido dos sentidos: a educação (do) sensível**. Tese (Doutorado) Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, São Paulo, 2000.

HAN, Byung-Chul. **O desaparecimento dos rituais: uma topologia do presente**. Tradução Gabriel Salvi Philipson. Petrópolis, RJ: Vozes, 2021.

IRWIN, Rita. *A/r/tografia*. In: DIAS, Belidson; IRWIN, Rita (Orgs.). **Pesquisa educacional baseada em arte: a/r/tografia**. Santa Maria: Editora UFSM, 2013.

Submissão: 14/10/2022

Aprovação: 08/11/2022